
NOÇÕES DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: “MODESTA FLOR” EM COLEÇÃO PARA PROFESSORES

Márcia Cabral Silva^(*)
Tamires Faria de Paiva^(**)

*Tudo está conforme se são apenas ‘noções’.
O tratado virá, de outrem, na sua oportunidade.
Esta contribuição representa apenas a modesta flor, que prevê o fruto ótimo.
Assim seja.
Afrânio Peixoto*

RESUMO

Neste artigo, busca-se investigar o manual *Noções de História da Educação*, de autoria de Afrânio Peixoto, de modo a evidenciar a importância dos discursos dirigidos à formação de professores nos anos de 1930 a par da inserção da obra na coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira, conformando a série “Atualidades Pedagógicas”. *Noções de História da Educação* foi publicado para atender à demanda da disciplina de História da Educação, recém-instituída na formação das normalistas àquele momento no Brasil. Com a chancela do movimento renovador educacional, este manual serviu ao mercado livreiro escolar com três edições (1933, 1936 e 1942) e se tornou caso expressivo para a investigação tanto de um processo de consolidação da disciplina de História da Educação como dos próprios mecanismos de produção de uma *cultura pedagógica* pautada em supostos preceitos modernos de educação.

Palavras-chave: História da Educação; manual; formação de professores.

No âmbito da historiografia da educação, o manual, o livro, o tratado têm comparecido como promissoras fontes de investigação. Por um lado, permitem aproximações em relação à ordem do discurso formulada por agentes em exercício no campo educacional. Por outro, favorecem interpretações que dizem respeito aos dispositivos materiais nas múltiplas configurações pelas quais são agenciados. Dentre as possibilidades de investigação já mapeadas na área, elementos relativos à produção assim como à circulação desse tipo de impresso podem indicar outros vestígios, de modo que os pesquisadores considerem de forma ampliada as coordenadas da categoria de análise designada na historiografia por cultura escolar¹.

Neste artigo, busca-se examinar em *Noções de História da Educação* esses múltiplos agenciamentos, com vistas a contribuir com análises na perspectiva acima indicada. Na primeira

^(*) Professora do Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

^(**) Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Uerj.

¹ Dentre uma vasta produção bibliográfica na área da História da Educação que trata do conceito, ver, em particular, as definições postuladas por Chervel (1990), Julia (2001), Viñao Frago (1998), Forquin (1993). Em que pese a distinção das abordagens, é possível reconhecer nesses estudos a especificidade do campo escolar como campo frutífero de investigação (FARIA FILHO *et al.*, 2004).

parte, evidenciam-se dispositivos discursivos assim como protocolos materiais, cuja ênfase recai na organização dos livros em séries e coleções. As marcas dessa tradição em recortes temporais de longa e de curta duração parecem indicar configurações relevantes na perspectiva da história da edição nas fronteiras que mantém com a história do livro. Na segunda parte, coloca-se em cena o manual *Noções de História da Educação*, escrito pelo médico, educador, Afrânio Peixoto, adotando-se a hipótese de que pode ter sido um *best-seller* naquele presente, a par das marcas de constituição relativas ao campo pedagógico que nos permitiram interrogá-lo.

EDIÇÕES EM COLEÇÕES

A primeira década do século XX repudiou o excesso de formatos e imagens que caracterizou os últimos anos modernistas do século XIX, e preparou uma etapa racionalista limpa de ornamentos e essencialista. Claro que o Modernismo trouxera uma contribuição editorial decisiva, primeiro com o florescimento das chamadas Artes Gráficas e depois com a experimentação de novas técnicas; isso enriquecera notavelmente o aspecto visual dos livros, tanto por fora como por dentro. Mas a célebre *coleção de bolso* de capa dura da Nelson (curiosa editora com vocação internacional precoce e com sedes em Paris, Londres, Edimburgo e Nova York) já assinalou um estilo de transição, com decoração ondulada minimalista nas capas; seu coroamento se deu esplendidamente com a *coleção rústica Nouvelle Revue Française*, editada pelo jovem Gaston Gallimard em 1911, com um projeto afortunadamente mantido até nossos dias, sem mudanças consideráveis. (SATUÉ, 2004, p. 191-192).

A ideia de editar livros em séries, bibliotecas ou coleções percorre tanto a história do livro quanto a trajetória das edições. Na França, este modelo estabelece rupturas entre um tipo de edição em grandes formatos, luxuosa, mais cara e de restrita circulação e outro em proporções menores, mais econômica e de maior disseminação entre os leitores. O estudo em torno da história da edição realizado por Olivero (1999) acentua de modo interessante essas transformações no impresso. Tal processo envolveu editores, impressores, livreiros e, em maior medida, os leitores emergentes, no efervescente período pós-revolução industrial, assim como em grande parte do oitocentos na França. Nesse contexto, leitores das camadas médias passavam a ter acesso às novas brochuras, o que contribuía para inseri-los na cultura letrada do período².

² Segundo Olivero (1999), pode-se considerar ter havido uma revolução na produção do livro francês nos anos de 1830, cujos elementos dizem respeito de início a uma revolução de natureza material. Nesse cenário, desponta Gervais Charpentier, que se estabelece como editor em Paris no ano de 1833. Em 1837, lança, graças às novas possibilidades técnicas de impressão, um novo formato de livro: “in-18 grand-Jésus vélin”, mais gracioso e cômodo do que o in-8

Percepção semelhante traz Mollier (2008; 2010), ao rememorar os primórdios do acesso à leitura na França pelos jornais, por meio dos folhetins costurados em cadernos, procedimento artesanal largamente utilizado pelas camadas populares, a par do protagonismo exercido pelas enciclopédias e dicionários, como os principais meios de difusão dos saberes de natureza pragmática entre os leitores. Não se pode esquecer que a “grande enciclopédia” permitiria ao homem alcançar em volumes formatados – *in-folio*, *in-oitavo*, *in-quarto* – pelas mãos dos editores-livreiros a universalidade do conhecimento disponível. Esse fora, sem dúvida, o grande projeto de *L'Encyclopédie*, no horizonte dos iluministas, que passava, graças às transformações no processo de impressão, a ser consumida em volumes separados, portáteis e organizados em séries. Logo, facilmente identificadas e ao alcance de um número mais amplo de leitores.

O caso francês atesta a relevância do revolucionário empreendimento editorial: pelo formato menor, baixo custo de impressão, livros mais baratos e maiores possibilidades de sua disseminação. A fórmula bem-sucedida estender-se-ia a outros países, nos quais imprimir, editar e fazer circular o impresso respondia a novas demandas relacionadas ao circuito da palavra impressa. De tal forma, observa-se a emergência de coleções baratas, em pequenos formatos na Bélgica, Grã-Bretanha e na Alemanha ao longo do século XIX, em processos que não descartavam a contrafação e cuja lógica introduzia competições nos modos de produzir e fazer circular o livro impresso como mercadoria rentável.

No Brasil, desde o oitocentos, acompanham-se algumas experiências editoriais de destaque, ora seguindo medidas restritivas, ora em proporções ampliadas, conforme as ondulações dos fatores sociais, políticos e econômicos. Todavia, os anos de 1900 dariam maior projeção ao livro impresso, com o incremento da urbanização, a partir dos deslocamentos sociais relativos ao processo de industrialização, assim como as medidas que visavam à ampliação das camadas alfabetizadas³. Não obstante as rupturas, as mudanças provocariam conflitos, o que evidencia as múltiplas faces do idealizado “progresso social”.

No que diz respeito à sociedade urbana brasileira, os anos de 1930 trazem marcas emblemáticas desses conflitos. O cenário da *belle époque*, que antecederia a revolução de 1930 e a

tradicional, pois conjugava beleza, qualidade e praticidade. Em razão do ineditismo introduzido à época pelo editor, as edições por ele lançadas foram divulgadas como “coleções compactas”, “formato Charpentier” (p.49-53).

³ Hallewell (1985) apresenta um mapeamento interessante de diversas firmas que conjugaram a venda e a impressão de livros, notadamente a partir da segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro e em São Paulo. Destaca a influência de Francisco Alves na produção de livros didáticos, como consequência da expansão do sistema educacional, muito embora assinala o domínio das livrarias Garnier e Laemmert no domínio editorial dos primeiros anos do século XX. (p. 197-220).

ascensão de Getúlio Vargas ao poder, revelara-se extremamente contraditório. Se, de um lado, celebravam-se as transformações arquitetônicas na capital da República nos moldes europeus e o surgimento de camadas médias que se distinguiam em pequenos cargos no comércio e na administração pública; de outro, utilizavam-se dispositivos repressivos para regular as camadas pobres, analfabetas, em meio a condições insalubres de vida, à miséria reinante, o que, na visão científica dos dirigentes, mostrava-se absolutamente inadequado. As medidas, a um só tempo profiláticas e excludentes, garantiriam o protótipo de sociedade civilizada a ser alcançado em um país em vias de construção. Higienizar a população pobre, controlar as endemias, os vícios, pavimentar e alargar as ruas, remover os cortiços foram as medidas adotadas por médicos-higienistas e engenheiros com base em pressupostos regeneradores, visando ao progresso social a qualquer custo. As campanhas sanitárias pelo interior do país, dirigidas por Oswaldo Cruz e que contaram com a participação de médicos como Belisário Pena e Artur Neiva, são ilustrativas para pensarmos os ares de início do século XX e os modos como a máxima do saneamento do Brasil se efetivou tanto nos domínios da cidade como na pacatez da vida rural. Afinal, o quadro descrito por último não combinava com uma sociedade que se pretendia moderna e civilizada. (SEVCENKO, 1995).

A modernidade pretendida, além da moda, da arquitetura *art nouveau*, reinventada nos trópicos, acenava para mudanças no campo da cultura. Essas mudanças apareciam pouco a pouco na emergência da fotografia, do cinema, da imprensa, das revistas ilustradas, que passavam a circular com mais frequência entre as camadas emergentes. Uma nação civilizada, conforme a visão das elites, exigia, da mesma forma, cidadãos alfabetizados, a circulação de livros, a abertura de bibliotecas e de livrarias. Não é de se estranhar, portanto, a movimentação em torno de traduções e de publicações (SILVA, 2011). No que diz respeito à expansão editorial, assiste-se a um cenário em movimento ascendente. Segundo estudo realizado por Miceli (2001), pode-se considerar, inclusive, ter havido um incremento no mercado de livros nos anos de 1930:

Monteiro Lobato foi o maior *best-seller* de 1937, com 1,2 milhão de exemplares de livros e traduções sob a sua responsabilidade, ou seja, mais de metade dos 2,3 milhões de exemplares impressos pela Companhia Editora Nacional e sua sucursal, a Editora Civilização Brasileira. Outros autores contribuíram para o sucesso comercial das principais editoras Humberto de Campos (José Olympio), Machado de Assis (Jackson), Afrânio Peixoto (*Guanabara*), Joaquim Nabuco (Civilização Brasileira), Aluísio Azevedo e Graça Aranha (Briguiet-Garnier), Agripino Grieco (Companhia Brasil Editora), ou seja, algumas das figuras de maior prestígio intelectual da geração

de 1870 ao lado dos polígrafos anatolianos em evidência na República Velha. (MICELI, 2001, p. 146-147)(grifos nossos).

Se recuarmos para as primeiras décadas do período republicano, observamos um cenário favorável para fazer florescer o empreendimento editorial da Monteiro Lobato & Companhia em São Paulo, cuja longevidade cobriu o período de 1918 a 1925. Um primeiro movimento do escritor-editor no campo ganha visibilidade ao adquirir o direito de propriedade da *Revista do Brasil*, importante veículo de ideias do período (DE LUCA, 1999). Como derivação do arrojado empreendimento editorial, emergem as condições necessárias para a abertura da editora⁴. De um lado, a importância do empreendimento editorial pode ser percebida pelas inovações no projeto gráfico, ilustrações bem acabadas. De outro, a iniciativa de se investir em maquinário moderno, quando os demais editores de períodos precedentes haviam sido bastante cautelosos a esse respeito. Há de se destacar, da mesma forma, os modos de fazer circular os livros: enviados pelo correio aos comerciantes de todos os ramos de negócio em regime de consignação.

O seu sucesso como editor forçou-o a entrar no ramo gráfico, uma vez que as seções de obras dos grandes jornais, que normalmente imprimiam os livros, não estavam aparelhadas para produzir a quantidade exigida pelo editor e nem tampouco a qualidade estética desejada. Em maio de 1922, com sua empresa já organizada sob a forma de sociedade anônima, Lobato anuncia à Rangel a instalação das tão sonhadas oficinas, que tomariam proporções cada vez maiores [...]. Em 1924, surgia a Companhia Gráfica Editora Monteiro Lobato, cujas oficinas próprias estavam instaladas no Brás. (DE LUCA, 1999, p. 70).

Em que pese o investimento de monta, o projeto da casa editorial resultou em falência devido a uma conjugação de fatores: de natureza econômica, de ordem política⁵. Lobato associa-se, em seguida, a Octalles Marcondes, inaugurando a Companhia Editora Nacional. O projeto tem início em 1925 e alcança significado particular para a circulação do livro no sistema escolar.

Necessário notar que os debates educacionais em torno do movimento da Escola Nova estavam na ordem do dia. O período favorecia, pois, a produção de dispositivos impressos – livros didáticos, manuais escolares, periódicos educativos – que assegurassem os ideais renovados veiculados na vida social e postos em evidência no interior da rede escolar. Como bem divulgado, a

⁴ Segundo o estudo de De Luca (1999), a aquisição da *Revista do Brasil*, que desfrutava de grande prestígio nos meios intelectuais, criou condições para a abertura da editora, fundada sob a chancela desse prestígio. Posteriormente, com o crescimento do investimento gráfico-editorial, o gerenciamento da revista foi delegado a outros (Paulo Prado e Sérgio Milliet, em 1924), tornando-se meio de propaganda para as edições.

⁵ Conferir a esse respeito, além do já citado estudo de De Luca (1999), Cavalheiro (1955), Hallewell (1986) e Bignotto (2007).

escola das primeiras décadas republicanas fora imaginada como espaço privilegiado para impulsionar as principais mudanças necessárias à construção de uma sociedade supostamente de bases modernas. A modernidade idealizada virava as costas para o “atraso social” do período imperial, elegendo o povo e a criança como massa a ser civilizada e instruída. Contudo, este ideal do projeto redentor de uma nação ainda não acontecera, pelo menos do ponto de vista das elites sociais.

Alguns relatos registrados no período permitem uma aproximação quase microscópica da ordem de governar pela palavra (FOUCAULT, 2009), como bem ilustra o discurso de Olavo Bilac para estudantes na universidade de Curitiba:

Quando me vejo entre os moços de minha terra, sinto-me precipitado, como por milagre, fora de mim mesmo e do tempo em que vivo, deslocado do tempo em que vivo, deslocado de minha idade, arrojado para uma época vindoura; já não me vejo no Brasil de hoje, ainda em formação confusa, mas no futuro em que ele viverá glorioso. (*Revista do Brasil*, v. 3, n. 11, p. 304-305, nov. 1916. Discurso na Universidade de Curitiba, *apud* DE LUCA, 1999, p. 90).

Já a *Revista para Todos*, em novembro de 1931, celebrava a inauguração da Avenida Graça Aranha no centro do Rio com discurso de Felipe d’Oliveira e um canto para o revolucionário homem moderno escrito pelo próprio Graça Aranha no ano anterior:

Canto do Revolucionário

A tua revolução, homem moderno, foi um dom da primavera. As flores arrebatavam nos teus caminhos, tu marchaste, pisando as hervas tenras e promissoras. Foi um germinal de forças novas, de energias criadoras, na sublime unidade da vida universal contigo. Sahiste dos teus pagos, dos teus pampas, desceste das tuas montanhas, dos teus cerros, atravessaste os teus sertões e as suas caatingas cantando. O teu canto não tinha a melancolia da saudade, era o grito da esperança. O teu olhar não mirava o que deixavas para traz. Fitava para a frente e ia criando o mundo novo, que o teu coração já criara. Hô! Hô! Para a frente! Hô! Hô! Contra tudo o que nos oprime, nos aniquila, nos esmorece. Destruição, morte, vitória, renovação. Para a frente irmãos. [...]. (ARANHA, 1931, p. 9).

Nesse contexto, em cuja circulação das ideias elevava-se o progresso ao primeiro plano, é criada em 1931 a Biblioteca Pedagógica Brasileira. Tratava-se de destacado projeto enciclopédico no interior da Companhia Editora Nacional, como mostram estudos no campo da história da edição,

da História da Educação⁶. Uma das iniciativas da editora consistiu no ordenamento cuidadoso desta coleção. De modo a conjugar o projeto editorial com o ideário pedagógico do movimento escolanovista em voga, Octalles Marcondes convida Fernando de Azevedo para coordenar a coleção. Fernando de Azevedo participara ativamente das reformas empreendidas nos anos de 1920-1930, conduzindo, na condição de diretor da Instrução Pública, a reforma educacional de 1927-1930 na capital do Distrito Federal. Distinguiu-se também como um dos idealizadores do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, lançado em 1932. Além disso, vinculou-se à criação da ABE, célula que reunia a um só tempo a *intelligentzia*⁷ e o circuito das ideias pedagógicas do período, presidindo a associação em 1938. De tal modo, o intelectual reunia atributos e distinção suficientes nas malhas do projeto de educar pelo impresso, fosse no interior da escola, fosse em um escopo mais amplo da vida em sociedade.

A Biblioteca Pedagógica Brasileira representava, nesta malha cultural de natureza educativa, um notável projeto editorial, visto que seguia uma composição segundo escalas muito bem desenhadas, em cinco séries: (1) *Literatura Infantil*, composta por vários volumes escritos por Monteiro Lobato, por obras de Viriato Correia, como *Cazuza*; (2) *Livros Didáticos*, com expressivo número de livros sobre a língua portuguesa, com a colaboração de Almeida Júnior, Venâncio Filho; (3) *Atualidades Pedagógicas*, inclui-se, por exemplo, o livro de Fernando de Azevedo, *Novos Caminhos e Novos Fins. A Nova Política de Educação*, que veiculava os princípios da Escola Nova, além de Almeida Júnior, Venâncio Filho, Afrânio Peixoto, com *Noções de História da Educação*; *Sociologia Educacional*, de Delgado de Carvalho; (4) *Iniciação Científica*, com publicações sobre sociologia, psicologia, higiene, dentre outros temas considerados científicos; (5) *Brasiliana*, dedicava-se a publicações de História do Brasil, colaboravam Fernando de Azevedo, Oliveira Viana, Alberto Torres, dentre outros.

⁶ Ver a esse respeito pesquisas desenvolvidas por Carvalho (2003; 2005), Carvalho e Toledo (2007) e Toledo (2010).

⁷ Para um matiz da composição dos intelectuais que passaram pela Associação Brasileira de Educação convém observarmos a elaboração do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Dos 25 signatários deste documento, mais da metade era composta por médicos (Afrânio Peixoto, J.P. Fontenelle, Roquete Pinto, Raul Briquet, Antônio F. de Almeida Junior, J.G. Frota Pessoa), advogados (Sampaio Doria, Mário Casassanta, Roldão Lopes de Barros, Hermes Lima, Attilio Vivacqua) e jornalistas (Júlio de Mesquita Filho, Cecília Meirelles e Nóbrega da Cunha).

PARA O APERFEIÇOAMENTO CULTURAL E PROFISSIONAL DO PROFESSORADO BRASILEIRO: O CASO DE *NOÇÕES DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*

Após o breve quadro da produção livreira no Brasil do início do século XX, e, consubstancialmente, das estratégias de organização de coleções para atender a públicos determinados, procuramos problematizar a ideia de editar coleções na experiência educacional, mormente nos anos 1930. Para isto, trazemos aquela pensada por representantes alinhados ao movimento da Escola Nova: a coleção “Atualidades Pedagógicas”. Dando luzes, especialmente, ao manual *Noções de História da Educação*, da autoria de Afrânio Peixoto, partimos desta experiência de edição escolar para pensarmos o cultivo de um público-leitor em expansão: o professorado brasileiro.

Intimamente articulado ao projeto de aperfeiçoamento cultural e profissional mobilizado no âmbito da Biblioteca Pedagógica Brasileira, o manual *Noções de História da Educação* foi resultado da contingência das aulas lecionadas por Afrânio Peixoto⁸, no Instituto de Educação do Distrito Federal. Assumindo este manual como um investimento editorial de dianteira, o médico e professor Afrânio Peixoto sistematizou nele um conjunto de conhecimentos, reunindo “um pouco de tudo e até de História da Educação”, como o próprio autor afirma no prefácio da primeira edição.

Com sua primeira edição publicada em 1933, *Noções de História da Educação*, compôs o extenso conjunto de obras da coleção “Atualidades Pedagógicas” e esteve ao lado de publicações de autores como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo. Associado a um projeto editorial cujo ideário vigente era o da renovação educacional, não fora estranho que o *textbook* da autoria de Afrânio Peixoto constituísse instrumento de propaganda dos princípios escolanovistas. Com um capítulo destinado às indicações históricas deste movimento, o autor de *Noções de História da Educação* apresenta os ensaios precursores da Escola Nova desde as experiências alemãs até a chegada ao Brasil, tendo como seus representantes Armanda Álvaro Alberto, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira.

O “primeiro manual de História da Educação” é um ostensivo exemplo para verificarmos, por um lado, a expansão de um público-leitor (composto pelo professorado) e, por outro, pensarmos os modos como representantes educacionais mobilizaram estratégias de intervenção na formação

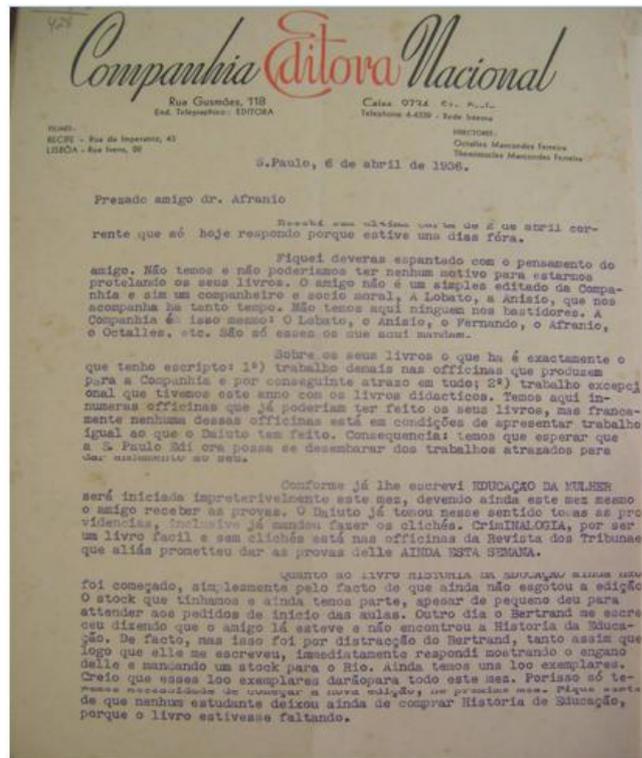
⁸ Afrânio Peixoto foi um dos primeiros professores convidados a lecionar a nova disciplina e, em 1932, assumiu a cadeira de História da Educação, no Instituto de Educação do Distrito Federal, antiga Escola Normal. Naquele momento, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova já eclodia na imprensa educacional do país e a Biblioteca Pedagógica Brasileira, associada ao ideário da Escola Nova, tinha suas publicações em circulação no mercado editorial. Foi neste solo de acontecimentos que o livro *Noções de História da Educação* tornou-se uma das referências para o “aperfeiçoamento cultural e profissional” docente e divulgado como um investimento pioneiro neste campo.

deste mesmo público. Os resultados das reformas educacionais, já experimentados desde os anos 1920, conjugavam-se às estratégias editoriais de conformar o imaginário de uma educação moderna. O projeto da Biblioteca Pedagógica Brasileira fora ousado não apenas por reunir *notáveis* do campo educacional, mas, do mesmo modo, por lançar as bases da educação nacional ancorado à força que ganhava o movimento da Escola Nova no Brasil e que desejava mobilizar o Estado, a imprensa e o povo pelo discurso entusiasta de reconstrução da educação do país.

Se o fato de estar inserido em uma coleção pode ser pensado como um elemento favorável à difusão do manual *Noções de História da Educação*, também não deve ser desconsiderada a força que ganha sua circulação quando o livro é adotado no programa da disciplina no Instituto de Educação, em 1935. E quais movimentos de reflexão esta circulação provocaria? Primeiro, ganha relevo a condição do livro escolar inserido em uma lógica de mercado e, desta maneira, também se valida o destaque aos modos como esta condição interfere nos projetos gráficos que o conformam e se adaptam ao público desejado. Segundo, podemos assinalar a prática de escrita de manuais pelos professores. Como já mencionado, Afrânio Peixoto fora um dos primeiros professores convidados a lecionar a disciplina de História da Educação e, como outros⁹, encontrou no exercício do magistério um meio de também se legitimar enquanto autor de manuais escolares. Uma carta da Companhia Editora Nacional de 6 de abril de 1936, endereçada a Afrânio Peixoto, atesta a finalidade didática de *Noções de História da Educação*¹⁰:

⁹ O mesmo caso pode ser verificado através de José Paranhos Fontenelle que, ao se tornar professor de Higiene na antiga Escola Normal do Distrito Federal, publicou o *Compendio de Hygiene* com o interesse de servir ao ensino da disciplina.

¹⁰ No último parágrafo da carta é assinalada a dinâmica da produção e venda do manual escolar pela Companhia Editora Nacional: “Quanto ao livro História da Educação ainda não foi começado, simplesmente pelo fato de que ainda não esgotou a edição. O stock que tínhamos e ainda temos parte, apesar de pequeno deu para atender aos pedidos de início das aulas. [...] Ainda temos uns 100 exemplares. Creio que esses 100 exemplares darão para todo este mês. Por isso só tenho necessidade de começar uma nova edição no próximo mês. Fique certo de que nenhum estudante deixou ainda de comprar História da Educação porque o livro estivesse faltando”.



Fonte: Arquivo de Correspondência Passiva da Casa Afrânio Peixoto, Lençóis (BA).

Para atender a diferentes bolsos, as edições da Companhia Editora Nacional, pelo que pode ser verificado na contracapa da segunda edição de *Noções de História da Educação*, poderiam ser adquiridas em brochuras ou encadernadas. Ao optar pela maior ou menor durabilidade da encadernação, o leitor poderia satisfazer seu desejo de aquisição, sem prejuízo do conteúdo textual, por uma diferença de valor que correspondia geralmente a um acréscimo de 3\$000 (três mil-réis). Os volumes mais caros consistiam nas traduções¹¹. A oferta de livros em dois tipos de encadernação revela não apenas um tipo de investimento editorial que visava a atender a demandas distintas de procura como, do mesmo modo, oferece indícios de como a Biblioteca Pedagógica Brasileira buscava movimentar a venda dos livros que publicava. O que tornava uma obra mais ou menos cara do que a outra? Se o valor mais elevado das traduções pode ser justificado por questões autorais, possivelmente em trânsito, e pelo próprio trabalho de transcrever a obra para a língua portuguesa, as diferenças de valores entre as obras nacionais também podem ser matizadas.

Os manuais ou livros escolares são objetos de múltiplas fisionomias e a ampliação dos horizontes de análise dos mesmos requer esforços que integrem tanto as questões pedagógicas, como aquelas de ordem material, cultural, social e escolar, como sugere Justino Magalhães (2006). Se levadas em conta, também, as marcas que os autores destes manuais imprimem às suas

¹¹ Na coleção “Atualidades Pedagógicas” a diferença, por exemplo, entre a segunda edição de *Noções de História da Educação* (8\$ em brochura e 11\$ encadernada) e a tradução de *Democracia e Educação*, de John Dewey, era de 10\$ para ambos os tipos de encadernação.

publicações, o exame deste tipo de produção oferece um conjunto de elementos, para se pensar uma sociedade e seus projetos de formação. *Noções de História da Educação*, ao lado de outros manuais, inscreve-se como experiência resultante de relações de poder, de desejo de grupos, projetos e políticas de uma sociedade que não devem ser desconsiderados. Deste modo, para pensarmos a inserção de *Noções* no âmbito da coleção “Atualidades Pedagógicas”, é proveitoso o esforço de recuperar algumas marcas da trajetória intelectual do autor e o seu protagonismo é uma dessas marcas que devem ser problematizadas.

Júlio Afrânio Peixoto foi um intelectual que teve seu nome associado a ações pioneiras, como, a título de exemplo, a criação do serviço de inspeção médico-escolar no Distrito Federal, em 1916¹². No entanto, se recuamos alguns anos, observamos que este serviço já era realizado desde 1910, pela direção do pediatra Moncorvo Filho (1926). Outro exemplo é a publicação do manual *Noções de Higiene*, em coautoria com Graça Couto, em 1914, em cujo prefácio é assinalado o pioneirismo deste investimento editorial no Brasil. Ainda em 1902, porém, Balthazar Vieira de Mello já publicara um manual de higiene que objetivava colocar a contribuição da higiene ao alcance dos professores e demais interessados na causa educacional (ROCHA; GONDRA, 2002). Estes emblemas, dentre outras formas como o nome de Afrânio Peixoto foi erigido, ajudam a pensar os modos como certos discursos sobre o autor de *Noções de História da Educação* – ao lado de seu engajamento na condição de intelectual envolvido com os problemas de seu tempo – foram construídos e divulgados em proveito da desejada produção de um lugar histórico.

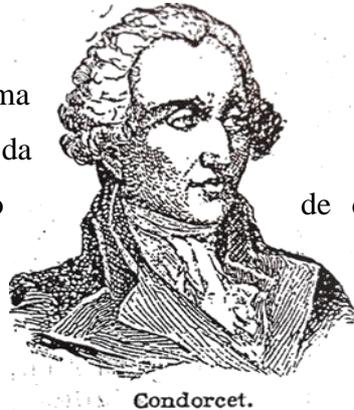
Por ter sido divulgado como um investimento pioneiro na produção nacional, é possível que a publicação de *Noções de História da Educação* tenha mobilizado uma parcela de ávidos leitores e sido posta como um referencial de leitura naquele período. Contando, também, com a propaganda que a Companhia Editora Nacional realizava dos volumes publicados no âmbito da Biblioteca Pedagógica Brasileira, inclusive daqueles no prelo, a publicação de *Noções* e sua aparição na galeria dos *best-sellers* dos programas de ensino da Escola de Educação do Rio de Janeiro (VIDAL, 2001), enunciam os ecos de uma combinação de elementos que, afinal, pareceram surtir resultados positivos: a projeção de um movimento, a ousadia de um projeto editorial e a legitimidade de um autor.

¹² Esta afirmação pode ser constatada no discurso pronunciado pela professora do Instituto de Educação, Maria dos Reis Campos, em sessão promovida pela Associação Brasileira de Educação, em 1942. Por ocasião da jubilação de Afrânio Peixoto na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, este discurso diz respeito a uma homenagem ao médico e a íntegra do texto pode ser encontrada na *Revista Educação*, da ABE, n. 13 a 16, p. 30-34, jan./dez. 1942..

Quais os objetivos de uma coleção que reúne autores nacionais e estrangeiros, a fim de dirigir uma “larga ofensiva de renovação cultural”? As coleções organizadas pela Biblioteca Pedagógica Brasileira, especialmente a “Atualidades Pedagógicas”, supõem o interesse em erigir um modelo de formação, sobretudo quando examinamos um corpo aparentemente harmonioso de textos que realiza a propaganda do movimento da Escola Nova através de um diálogo com diferentes campos do conhecimento, como a história, psicologia e sociologia. O projeto de dianteira da Biblioteca Pedagógica Brasileira se encontrava muito bem alinhado às reformas educacionais do período, ao otimismo pedagógico vivenciado no período e aos interesses de um grupo de intelectuais que anunciavam novos horizontes para a educação nacional.

Seu autor, Júlio Afrânio Peixoto, narra uma história da educação considerando que o conhecimento das experiências anteriores do passado humano daria subsídios para a compreensão de sua “ponta extrema”, o presente. Nesta perspectiva de escrita, a História da Educação poderia ser compreendida se tomada analítica e intimamente com a história da civilização humana. Portanto, cruzar a história dos homens com a história de sua formação, seria

um meio de deliberar sobre o futuro humano. O autor adota uma “perspectiva panorâmica” da História da Educação, secundarizando a enumeração de datas e nomes, para privilegiar a evolução, no espaço e no tempo, de algumas ideias pedagógicas. Como destaca Nunes (1995), esta adoção



de datas e nomes, para espaço e Clarice

perspectiva “cria dois conjuntos de significados, demarcando lugares de conhecimento e, a partir deles, delimitando o lugar da História da Educação” (p. 58). Para complementar a leitura, o autor insere pequenas ilustrações a bico de pena e algumas reproduções fotográficas, materializando uma espécie de “panteão pedagógico” com personagens do Brasil e do mundo, como Ruy Barbosa, Benjamin Constant, Kant e Condorcet:



As imagens 1, 2 e 3 são de alguns dos personagens que conformavam o panteão pedagógico de *Noções de História da Educação*, ano 1936, p. 247,164, 165.

Ainda assim, a tentativa era de afastamento de uma exposição metódica de fatos e nomes:

Reinscrito na ponta extrema daquele passado, naquele presente, o livro de História da Educação de Afrânio Peixoto parece adquirir outra força, outro vigor, posto que o livro se afasta e já não é mais uma simples enumeração de datas, fatos, batalhas e heróis. Do mesmo modo, ainda não é uma história jurídica da educação. No *front* e no calor da batalha por uma pedagogia científica, por uma escola renovada, a narrativa do dr. Afrânio parece ter sido modulada pelo (e ajustada ao) movimento renovador em curso no Brasil e no exterior. (GONDRA, 2011, p. 30).

A sistematização da História da Educação, realizada por Afrânio Peixoto, constituiu-se, como o próprio autor enuncia no prefácio do livro, de *apenas noções* que pretendiam introduzir os conhecimentos essenciais à formação de docentes. As finalidades do livro estavam situadas no *ordenamento do conhecido* e no *preenchimento de lacunas* com as novas contribuições que este tipo de escrita pretendia apresentar. O livro consistiu em registro do curso de História da Educação, para a *recordação de professoras*, com uma seleção de referências históricas e educacionais consideradas essenciais para esta formação. Neste quadro, vale assinalar as revisões realizadas nas edições de *Noções de História da Educação*, a fim de torná-las adequadas à formação daquelas professoras. A título de exemplo, *Noções de História da Educação* tinha em sua segunda edição, de 1936, 285 páginas enquanto a última, de 1942, alcançava 350 páginas. Além disso, para exemplificar o movimento das atualizações realizadas, da primeira para a segunda edição são incorporadas referências a acontecimentos de 1934, 1935 e 1936 (GONDRA; ASCOLANI, 2009). A revisão destas edições, com acréscimo de assuntos que acompanham o curso dos acontecimentos, pode ser justificada pelo próprio gênero da obra, com fim especialmente didático. Para que este manual permanecesse supostamente cultivando leitores e servindo à proposta educacional que o legitimava, era necessário que estivesse harmonizado às questões postas àquele momento.

A cadeia narrativa de *Noções de História da Educação* é iniciada pelo destaque à educação dos selvagens e primitivos, realizando sucinta introdução sobre a educação de “anormais” e um prenúncio da Escola Nova, que recebe ao fim do livro um capítulo exclusivo. No primeiro capítulo do manual para professoras em formação, o médico e historiador Afrânio Peixoto doutrina acerca do que seria um sistema adequado de educação, cujos princípios da Escola Nova se constituem de base. Não é sem propósito que destaca os benefícios da escola ativa, única e progressiva,

sistematizando as principais finalidades que davam sentido à *nova* educação: a educação para todos (de acordo com a capacidade de cada um e baseada em princípios de cidadania e democracia); preparo para a participação ativa na sociedade (proporcionada pela escola cívica e socializante); preparo para a atividade econômica (verifica-se, então, o destaque à educação e à orientação vocacional do educando); observação e experimentação escolar (PEIXOTO, 1936, p. 14).

No tratamento dos princípios da educação defendida por Afrânio Peixoto comparecem, do mesmo modo, a questão da popularização do ensino, a formação cívica para a formação de *cidadãos úteis* à pátria, a formação para o trabalho e a científica. Esses princípios associados ajudam a compor a “base” da educação nova, sob medida, cara ao pragmatismo deweyano. Sintetizada pelas palavras pensamento e ação, a educação que encontra lugar na narrativa de *Noções de História da Educação*, e que se pretendeu extensiva à formação dos professores primários àquele momento, consistiu em emblema, que trazia em si as marcas de um movimento que se pretendia renovador. Sobre seus leitores, professores e professoras para os quais se destinava o manual, Afrânio Peixoto sustenta:

Nessa escola o professor deixa de ser o Deus que premia ou castiga, o soberano que manda e desmanda, o pontífice que abençoa, anatematiza, retifica ou ratifica a doutrina: o mestre é apenas um técnico, consultado se é preciso, que endereça e coordena as atividades para a obra comum. Ensina antes a adquirir, a procurar, a criar o conhecimento. (PEIXOTO, 1936, p. 213).

O programa da educação nova situa o professor em um lugar diferente daquele que supostamente remeteria a uma concepção tradicional de ensino. Como técnico, o professor é convidado a ser responsável pela criação do conhecimento, junto àqueles que ele teria sob sua guarda durante o período escolar, o que evidencia o princípio da escola ativa presente na assertiva do historiador Afrânio Peixoto. Instruir, segundo o autor de *Noções de História da Educação*, tinha o mesmo significado de experimentar. Portanto, os programas de ensino deveriam permitir que brotassem juntos o esforço e o interesse por parte dos alunos (PEIXOTO, 1936, p. 212). Neste sentido, passando o eixo da escola da autoridade imposta pelo mestre à iniciativa do aluno, o dinamismo proposto pela escola ativa encontrava lugar nos princípios norteadores da prática docente adequada à nova realidade educacional. Tal direcionamento evidencia o desejado deslocamento da concepção de escola como lugar de transmissão do conhecimento, que parte do professor para o aluno, para a percepção deste espaço como de construção do conhecimento, elevando a criança a ator principal.

Na ponta extrema da história narrada no manual para professores e professoras, a Escola Nova alcançou, portanto, lugar especial e serviu como propaganda do movimento no Brasil. Comparada à transformação ocasionada por Nicolau Copérnico, esta educação doutrinada em *Noções* previa um deslocamento da concepção de ensino “ultrapassada” para aquela que se divulgou como “renovada”. Tudo estava conforme se o manual cumpria tão somente, segundo seu próprio autor, o papel de divulgar noções de História da Educação para professores. Também propaganda do movimento pelo qual dava existência à iniciativa, *Noções de História* serviu ao aperfeiçoamento cultural e profissional do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A série “Atualidades Pedagógicas” coloca em cena novidades editoriais, cuja produção e circulação fazem emergir deslocamentos no plano econômico, político, cultural e pedagógico. Nos limites deste estudo, fez-se notar a dimensão pedagógica, política e cultural dessa série no que diz respeito à formação de professores. Por um lado, a edição de uma coleção ancorada em um projeto de renovação no campo da educação, dirigida por um dos seus ilustres representantes, permite-nos associá-la a estratégias de poder no campo da edição pedagógica. Por outro, a circulação de um modelo de escrita da História da Educação destinada a professores por um médico e professor de prestígio aproxima a edição dos saberes do ofício. Ademais, a série, conforme a retórica veiculada no título, almejava construir um tipo de saber específico, de modo a atualizá-las.

Por último, o exame de *Noções de História da Educação*, inserido na série “Atualidades Pedagógicas”, indicou perspectivas para um mapeamento da historiografia relativa à formação de professores no Brasil, que não nos parece esgotada. Em uma palavra, o projeto registrado nas páginas do manual permitiu circular um modelo de formação renovado, pois afinado com as últimas novidades pedagógicas em circulação no Brasil e no exterior àquele momento. Sobretudo nas *lições de pedagogia* que este manual de História da Educação também enuncia, especialmente no último capítulo que o compõe (sob o título *A educação contemporânea*), o papel do *novo* professor é sutilmente delineado ao longo da cadeia discursiva que procura contrastar as marcas da pedagogia tradicional com a proposta *moderna*, afiançada pelos princípios da Escola Nova. Se instruir, nas páginas de *Noções de História da Educação*, adquiria o significado de experimentar, há de se registrar o papel da educação e do professor: possibilitar um ambiente favorável ao desenvolvimento natural da criança e ao estímulo da aprendizagem. O professor, antes de ser considerado o que transmite o saber, projetava-se como aquele que ensinaria a adquirir, procurar e criar o conhecimento. “Modesta flor” em coleção para professores, o manual *Noções de História da*

Educação não apenas dá indícios de um investimento editorial ousado à época, mas constitui registro de um movimento educacional, cujo projeto pretendia alcançar a escola e seus sujeitos por meio de lições de *como ensinar* e *como aprender*.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Graça. Canto do Revolucionário. *Revista Para Todos*, n. 675, p. 9, nov. 1931.
- BIGNOTO, Cilza Carla. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Instituto dos Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; São Paulo, 2007.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A escola e a república e outros ensaios*. Bragança Paulista: Ed. da Universidade São Francisco, 2003.
- _____. Pedagogia da Escola Nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação. *Educação (UFSM)*, Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 87-105, 2005.
- _____; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. (Org.). *Cinco estudos em História e Historiografia da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 89-110.
- CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1955.
- CHERVEL, Andre. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, v. 2, p. 177-229, 1990.
- DE LUCA, Tania Regina. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a nação*. São Paulo: Unesp, 1999.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes *et al.* A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na História da Educação Brasileira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.
- FORQUIN, Jean. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- GONDRA, José Gonçalves. Temperar a alma, retemperar os músculos: corpo e história da educação em Afrânio Peixoto. *Proposições*, Campinas, n. 3, p. 19-34, set./dez. 2011.
- HALLEWEEL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz; Edusp, 1985.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.
- MAGALHÃES, Justino. O manual escolar no quadro da história cultural: para uma historiografia do manual escolar em Portugal. *SÍSIFO*, Revista de Ciências da Educação, n. 1, p. 5-14, set./dez. 2006.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- _____. *O dinheiro e as letras: história do capitalismo editorial*. São Paulo: Edusp, 2010.
- MONCORVO FILHO, Artur. *Histórico da proteção à infância no Brasil (1500-1922)*. Rio de Janeiro: Empreza Graphica, 1926.
- NUNES, Clarice. A instrução pública e a primeira história sistematizada da educação brasileira. *Cadernos de Pesquisa*, n. 93, p. 51-9, 1995.
- OLIVERO, Isabelle. *Histoire de l'édition française*. Paris: Imec, 1999.
- PEIXOTO, Júlio Afrânio. *Noções de História da Educação*. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- ROCHA, Heloísa Helena Pimenta; GONDRA, José Gonçalves. A escola e a produção de sujeitos higienizados. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 493-512, jul./dez. 2002.
- SATUÉ, Enric. *Aldo Manuzio: editor, tipógrafo, livreiro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, Márcia Cabral da. Educação de meninas e moças por meio da edição e da tradução de romances. *Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação*. Vitória, 2011.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções (1925-1980): entre a formação do leitor e o mercado de livro. In: ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal. (Orgs.). *O Impresso no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2010. p. 1-15. v. 1.

VIDAL, Diana. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista: Edusf, 2001.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, B. *Currículo, espaço e subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

Fontes documentais

Correspondência passiva da Casa Afrânio Peixoto, Lençóis (BA).

Revista Educação, n. 13 a 16, janeiro a dezembro de 1942.

NOTIONS OF HISTORY OF EDUCATION : "MODEST FLOWER" DESIGNED IN COLLECTION FOR TEACHERS:

ABSTRACT

In this article, we aim at the exam of the manual *Notions of History of Education*, by Afrânio Peixoto, in order to show the importance of the speeches in teacher education, by the 1930s, parallel to the introduction of this book in the collection Brazilian Pedagogique Library, which conforms a series of schooltextbooks: Pedagogique Actuality. *Notions of History of Education* was published for the purpose of answering the exigencies related to the teacher education at that time in Brazil. As it got great respect from the educational renewal movement, this manual answered the educational publishing market in three editions (1933, 1936 and 1942) and became an expressive case for the investigation both of the consolidation of the discipline History of Education and of the mechanisms which produce a pedagogique culture guided by educational modern learning.

Keywords: History of Education; Manual; Teacher education.

*Recebido em: 30/06/2012.
Aprovado em: 30/07/2012.*